

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O ensino revolucionário

A Unicamp poderá contratar o professor Paulo Freire. Esse fato, apesar de não ter sido confirmado ainda por nenhuma das partes, é esperado, desde que a Universidade Estadual de Campinas entrou em contato com o professor no início deste ano quando lhe fez o convite. Na ocasião, Paulo Freire, que aguardava a liberação de seu passaporte para vir ao Brasil participar de um Seminário sobre Educação, promovido por aquela Universidade, demonstrou interesse pelo fato, dizendo que poderia estudar o assunto durante sua estadia no país. Freire não teve, naquela época, a liberação de seu passaporte e nada foi resolvido, o que poderá vir a acontecer nesses trinta dias em que permanecerá no Brasil, ficando definido ou não seu contrato pela Faculdade de Educação da Unicamp.

Paulo Freire, que sempre demonstrou enorme desejo de retornar ao Brasil, foi exilado do país em 64, sob alegação de aplicar um método de ensino "subversivo" na alfabetização de adultos, programa que chegou a desenvolver por cerca de três meses no Nordeste, no início daquele ano. O método educacional de Freire, visava a conscientização do indivíduo dentro da sua realidade. Para ele alfabetizar não é apenas ensinar a ler, mas conscientizar o adulto. O seu método partia das palavras tiradas da própria experiência de vida do analfabeto, palavras fortes, palavras existenciais, das quais nascia todo o processo chamado alfabetização.

Ensino revolucionário

O professor Moacyr Gadotti, da Faculdade de Educação da Unicamp, que teve um contato direto com o educador Paulo Freire, em Genebra, sempre ressaltou que "as experiências de Freire no Brasil, em 64, foi interrompida não apenas porque seu método fosse revolucionário, mas pelo conteúdo revolucionário do método. O seu método não visava ensi-

nar a ler e escrever mecanicamente, mas sim uma coisa muito maior, ou seja, toda uma conscientização do analfabeto para a realidade que o cercava.

Para Gadotti, Freire é "uma pessoa que não separa a vida intelectual da vida cotidiana. Ele não comete esse erro tão comum entre os intelectuais brasileiros. Ele é pedagogo em qualquer lugar, num jantar, no almoço, num bate-papo... Por isso acho que os textos dele são quase que subversivos, porque são fortes. Falar da vida de todo dia tem que ser realmente de maneira forte, porque a vida não é neutra, não é abstrata, ela é concreta. É por esse fato que suas obras têm um imenso sucesso, porque ele fala do óbvio".

..Óbvio

Em recente entrevista concedida a professora Lígia Moraes Leite, da USP, para a revista quadrimestral de Ciências da Educação — "Educação & Sociedade" — Paulo Freire deu um exemplo, com o qual, segundo ele, começou a ser despertado para o óbvio:

"Eu nunca me esqueço de um discurso maravilhoso que eu ouvi de um homem, quando, em uma dessas noites de reuniões, eu discutia, e explicava o problema dos castigos, da violência, etc. Então o homem levantou-se e disse: "Bem, ouvimos a palavra bonita do doutor; agora eu queria dizer umas coisas. Doutor, eu não sei onde é que o senhor mora, mas sou capaz de dizer assim, aqui, de descrever a casa do senhor. E vou fazer isso. Se eu estiver errado o senhor diz". Então ele começou a descrever realmente a casa; o número de quartos (perguntou quantos filhos eu tinha, eu disse), distribuiu os filhos e as filhas dentro da casa, perfeitamente, com a caminha de cada um. Tudo exato. O jardimzinho na frente... E, então, disse: "Ver assim é formidável. O sujeito que mora desse modo, com os filhos dormindo, comendo, tem condições de ter

diálogo. Não precisa dar pancada não. Mas o sujeito que mora como nós... (ai descreveu a precariedade do moradia dele), e que é acordado às 4 horas da manhã, com o apito da fábrica, que acorda o bairro inteiro, chamando os homens para o trabalho, e que vai trabalhar, e que não tem comida; que, quando volta de noite, cansado, encontra os filhos com fome, que precisamente por que não comem estão inquietos, endemoniados... mas o pai precisa dormir para poder acordar no outro dia às 4. Então, só dando pancada..." E acabou dizendo: "Olhe doutor, nós não fazemos isso porque não queremos bem os nossos filhos, não. É porque não podemos".

Freire, que certa vez definiu como "andarilho do óbvio", disse em seguida que "esse discurso, que eu ouço ainda hoje, na linguagem do povo, e que eu era capaz de repetir na mesma linguagem do povo, com a sua sintaxe, com a sua prosódia, esse discurso veio a me afetar tempos depois. A obviedade que o homem me falava não era para mim tão óbvia. Estou convencido hoje de que tem de quebrar o óbvio, e expor a intimidade do óbvio. E, quando você faz isso, descobre que o óbvio não é tão óbvio quanto se pensa. É óbvio para você num certo momento, mas não é para muita gente".

Limitação

Ressaltando que na teoria Paulo Freire é menos revolucionário que na prática, o professor Gadotti afirmou que seus relatos são muito dialógicos. Aí eu vejo uma limitação da teoria dele. A limitação que faz seria de que o diálogo pode ser uma arma de conservação e de continuidade mais do que da revolução. Me parece que em certos momentos históricos é o conflito que faz progredir as sociedades e as pessoas. É a desobediência coletiva organizada que faz avançar a

história. O diálogo poderia representar um retrocesso, a continuidade da sociedade e não sua mudança. Em certos momentos, o diálogo é traiçoeiro. Diante da tolerância e da repressão não pode haver diálogo. Os limites da conscientização são os limites da própria consciência". Por outro lado, o educador Paulo Freire, analisa na mesma revista "Educação & Sociedade", a sua tendência para o marxismo: "indiscutivelmente, eu fui, na minha juventude, ao camponês, e ao operário da minha cidade, movido pela minha opção cristã. Que eu não renego. Chegando lá, a dramaticidade existencial dos homens e mulheres com quem eu comecei a dialogar me remete o Marx. É como se os camponeses e os operários me tivessem dito: "Olha, Paulo, vem cá, você conhece Marx?". Eu fui a Marx por isso. E indo a Marx, eu começo a me surpreender com a alegria de ter encontrado Marx entre os camponeses, e entre os operários. Quer dizer, certo tipo de análise, como aquele exemplo que citei, em que o homem me chamava para as coisas materiais em que a sua consciência se formava e reformava... Comecei a ver uma certa radicalidade original do seu pensamento marxista lá na área camponesa, de analfabetos. Então comecei a ver: puxa, esse cara é sério!".

— Não quero dizer — continuou Freire — que eu sou hoje um "expert" em Marx, ou que eu sou um marxista. For uma questão de humildade. Eu acho que é muito sério dizer alguém ser marxista. É preferível dizer que eu estou tentando tornar-me. Fazer a mesma coisa em relação à minha opção cristã. Eu sou um homem em procura de tornar-se um cristão.